

IMPrensa E HUMOR: UMA VISÃO PANORÂMICA**Tania Regina de LUCA**

Resenha de PINTO, Luís Pimentel. **Entre sem bater**. O humor na imprensa: do Barão de Itararé ao Pasquim 21. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, 109p.

É certo que o interesse pelo riso e pelo humor está longe de ser uma invenção da contemporaneidade. Entretanto, o debate em torno da temática tem-se adensado consideravelmente nas últimas décadas, como atesta a multiplicação de colóquios, pesquisas e publicações específicas acerca do assunto. A título de exemplo, pode-se citar o recente lançamento da obra de Georges Minois, *História do riso e do escárnio*, um erudito percurso pelas diferentes formas assumidas pelo riso no decorrer do tempo, e *Raízes do riso*, trabalho de Elias Thomé Saliba que analisa, na melhor tradição da História Cultural, as práticas humorísticas no Brasil, entre o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século seguinte, articulando-as com o processo de construção da identidade nacional.¹

Tampouco têm faltado eventos voltados para o grande público, como foi o caso da belíssima exposição realizada pela Fundação Armando Álvares Penteado no decorrer de 2003, estruturada em dois seguimentos e que resultaram em elaborados catálogos.² O primeiro, intitulado *A comédia urbana: de Daumier a Porto-Alegre*, teve por objetivo investigar, a partir da figura do pintor e escritor romântico Araújo Porto-Alegre, que viveu em Paris entre 1831 e 1837, as relações sócio-culturais entre França e Brasil. A estreita convivência com um mundo urbano já pleno de imagens, provenientes da imprensa ilustrada, da nascente propaganda e das lanternas mágicas, marcou profundamente o brasileiro que, ao retornar, lançou *A Lanterna Mágica*, um dos nossos primeiros periódicos a incluir caricaturas, elaboradas pelo seu discípulo Rafael Mendes de Carvalho.

O segundo seguimento – *Traço, humor e cia* – forneceu ao público, a partir de um conjunto diversificado de módulos, o percurso do traço humorístico, desde a litografia até a computação gráfica, permitindo que o visitante se deliciasse com a produção dos nossos melhores ilustradores e caricaturistas, entre eles Belmonte, J. Carlos, K. Lixto, Yantok, Nássara³, Alceu Penna, Henfil, Chico e Paulo Caruso, Loredano, Millor e Ziraldo.

O livro de Luís Pimentel – *Entre sem bater!* – integra esse movimento de renovado interesse pelo tema e constitui-se numa divertida porta de entrada para aqueles que pretendem se familiarizar com a trajetória do humor na imprensa brasileira. O título reproduz a famosa frase que Aparício Torelly, autodenominado Barão de Itararé, pendurou na sua porta depois de levar uma surra de oficiais da Marinha, que se sentiram ofendidos pelo jornalista. O Barão mereceu capítulo especial, com direito a exemplos de tiradas rápidas e mordazes, marca

registrada do proprietário do semanário *A Manhã*, título que satirizava o matutino carioca *A Manhã*.

O autor logo esclarece que não pretendeu realizar uma pesquisa histórica no sentido rigoroso do termo, antes se trata, nas suas próprias palavras, de “uma reportagem, uma imensa crônica, uma declaração de amor e humor feita por um jornalista e escritor que há muitos anos tem ganhado ou empatado a vida em meio a escritores, redatores e roteiristas de humor, chargistas, caricaturistas e autores de histórias em quadrinhos” (p. 11). De fato, os que esperam uma ordenação cronológica, pontuada de análises percucientes, poderão se decepcionar. Luís Pimentel reserva apenas alguns parágrafos do segundo capítulo ao que denomina “os pioneiros” para logo se concentrar na temática que melhor conhece: a imprensa humorística dos anos 1960 em diante, com a qual se envolveu pessoalmente na condição de colaborador de órgãos como *O Pasquim*, *Mad*, *Ovelha Negra*, *Bundas* e *Opasquim*²¹.

O livro é fartamente ilustrado e traz reproduções de capas, tiras e matérias antológicas publicadas em *Binômio*, *Pif Paf*, *O Pasquim* e *Bundas*, além de comentar publicações como *Papa Figo*, irreverente jornal pernambucano ainda em circulação. A ação da censura durante a ditadura militar pode, literalmente, ser vista nos enormes rabiscos em forma de X que vitimavam as charges elaboradas pelo pessoal do semanário *O Pasquim*.

Merece destaque o capítulo dedicado ao humor esportivo que evidencia, já nas charges de K. Listo de 1909, a relação entre futebol e interesses políticos, articulação que se fortaleceria no decorrer do tempo e que no livro é exemplificada pela maneira como, em cada uma das copas do mundo, a seleção brasileira foi retratada. Fecha o trabalho uma espécie de pequeno dicionário biográfico, contendo breves notas sobre os principais humoristas brasileiros.

Vale assinalar a modéstia do autor que, se de fato não escreveu um tratado exaustivo sobre o assunto, extrapolou os limites da reportagem ao oferecer ao leitor uma introdução precisa, além de agradável e divertida, a um tema que, segundo Georges Minois, “é muito sério para ser deixado para os cômicos”.

Notas

¹ MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003 e SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

² SALGUEIRO, Heliana Angotti (Coord.). **A comédia urbana: de Daumier a Porto-Alegre**. São Paulo: Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP, 2003 e MATTAR, Denise (Coord.). **Traço, humor e cia**. São Paulo: Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP, 2003.